

Fora do Palácio, a tragédia; dentro, cenas comoventes de aflição e tristeza

BELO HORIZONTE. — Cenas de dor e emoção marcaram ontem a despedida do povo mineiro, a Tancredo Neves. Não só na imensa concentração que lotou a Alameda Travessia em frente ao Palácio da Liberdade, mas principalmente no adeus individual que dezenas de milhares de pessoas fizeram questão de dar ao corpo do Presidente morto.

O tumulto do lado de fora fez com que a Polícia restringisse o tempo de permanência de cada pessoa em frente ao esqui-fe presidencial. Em geral, as pessoas não podiam sequer tocar o caixão, apressadas pela ordem de "vamos rápido, pessoal, que tem muita gente", repetida pela Polícia. Às vezes, por isso, a visitaçã pública transformou-se em uma estranha correria.

Mas mesmo assim, houve cenas pungentes: mulheres humildes que se agarravam ao caixão, aos prantos e homens mal vestidos reverenciando o morto com gritos de "viva a liberdade", "viva a democracia" ou "Tancredo vive". Quem conseguia burlar a segurança, debruçava-se sobre o vidro do caixão, para observar a fisionomia tranquila de Tancredo. Mas houve gente que nem teve tempo para concluir o sinal da cruz: a cada notícia de feridos do lado de fora, a fila era apressada.

O caixão de Tancredo foi colocado em câmara ardente, no saguão de entrada do Palácio, cercado por um arranjo de orquídeas e guardado por 12 cadetes da Polícia Militar de Minas.

Nas extremidades do caixão foram colocados dois resplendores mortuários, cedidos pela Santa Casa de Misericórdia. Compondo o cenário, dezenas de coroas de flores, enviadas por pessoas, partidos políticos e entidades. Na frente do caixão, ficou exposto, rapidamente, o Grande Colar da Inconfidência, a mais alta condecoração do Governo de Minas, conferida post mortem a Tancredo pelo Governador Hélio Garcia.

Os convidados especiais que não entravam pela ala destinada aos populares, chegavam ao saguão pisando num imponente tapete azul. Para a missa — celebrada pelo Arcebispo de Belo Horizonte, Dom Resende Costa e concelebrada pelos Bispos Auxiliares Dom Serafim e Dom Arnaldo e pelo frei Beto — foi pendurada, na sacada do Palácio, a imagem em madeira de um Jesus Cristo barroco, datada de 1800, a mesma que ficava no gabinete de Tancredo quando ele foi Governador de Minas.

O caixão com o corpo de Tancredo ultrapassou o portão do Palácio às 15h25m, ao som da marcha fúnebre de Chopin. Já na subida da escadaria, a banda da PM tocou o "Peixe Vivo". Logo após, o neto Aécio retirou a tampa do visor do esqui-fe. Aécio foi o único parente a ficar ao lado do corpo durante quase todo tempo, recebendo em nome da família dezenas de cumprimentos, que, em alguns casos, retribuiu, emocionado, oferecendo as orquídeas que enfeitavam o esqui-fe do avô.